

# A transformação da filosofia na contemporaneidade

STR News/Reuters/Latinstock



## MODERNIDADE EM CRISE

O acidente ocorrido em 1986 em um reator da usina nuclear de Chernobyl simboliza a crise de dois importantes aspectos da modernidade. Por um lado, a crença no progresso proporcionado pela razão e pelos produtos científico-tecnológicos dela originados; por outro, a aposta em ideais políticos revolucionários. A promessa de que a tecnologia caminharia para a perfeição e ofereceria conforto crescente se revelou frágil. Já a promessa de uma sociedade mais justa e igualitária por meio do socialismo também se mostrou sujeita a desvios – as tentativas, por parte da União Soviética, de esconder as graves consequências do acidente foram uma de muitas manifestações dos problemas enfrentados pelo regime. Na fotografia de 2006, as ruínas da cidade de Pripyat, na atual Ucrânia, próximo de onde se localizava a usina.

## História e progresso

Como vimos no capítulo anterior, a filosofia moderna experimentou grande otimismo no uso da razão para que o ser humano possa conhecer verdadeiramente a si mesmo e a realidade e garantir para si a liberdade, a felicidade e o aperfeiçoamento.

O século XIX é, na filosofia, o século da descoberta da história ou da historicidade do ser humano, da sociedade, das ciências e das artes. Isso não significa que anteriormente não se escrevessem histórias, porém estas eram tomadas como um aspecto da vida humana entre outros. A mudança de perspectiva ocorre particularmente quando o filósofo alemão Hegel (1770-1831) afirma que a história é a realidade: para ele, a razão, a verdade e os seres humanos são essencial e necessariamente históricos.

Essa concepção levou à ideia de progresso, isto é, de que os seres humanos, as sociedades, as ciências, as artes e as técnicas acumulam conhecimento e práticas, aperfeiçoando-se cada vez mais. Com o progresso, surge a ideia de que o presente é superior e melhor do que o passado, e o futuro será melhor e superior ao presente.

Essa visão otimista também foi desenvolvida na França pelo filósofo Auguste Comte (1798-1857). Fundador da corrente filosófica denominada positivismo, Comte atribuía o progresso ao desenvolvimento das ciências positivas (isto é, sem relação com mitologias, religiões e construções metafísicas). As ciências permitiriam aos seres humanos “saber para prever e prever para prover”, de modo que o desenvolvimento social se faria pelo aumento do conhecimento científico e do

controle científico da sociedade. É positivista a ideia de “ordem e progresso”, que viria a fazer parte da bandeira do Brasil republicano.

No entanto, no século XX, a mesma afirmação de que os seres humanos, a razão e a sociedade são históricos levou à ideia de que a história é descontínua e não progressiva. Por essa perspectiva, cada sociedade tem sua história própria, em vez de ser apenas uma etapa numa história universal das civilizações, como julgara a filosofia do século XIX.

A ideia de progresso passou a ser criticada porque foi usada para legitimar colonialismos e imperialismos – os mais “adiantados” teriam o direito de dominar os mais “atrasados”. Passou a ser criticada também a ideia de progresso das ciências e das técnicas, por dois motivos:

1. Pelo entendimento de que os conhecimentos e as práticas têm sentido e valor próprios em cada época e para cada sociedade. Como esses sentidos e valores desaparecem numa época seguinte ou são diferentes numa outra sociedade, não se pode falar em transformação acumulativa e progressiva da humanidade.

2. Pela avaliação do uso da ciência e da técnica pelo nazismo e no episódio do lançamento das bombas atômicas sobre o Japão pelas Forças Armadas dos Estados Unidos. Casos como esses levaram ao questionamento do otimismo racionalista. Essa crítica prosseguiu no final do século passado e continua até hoje com os movimentos ecológicos, que apontam os riscos ao planeta trazidos pelo uso indiscriminado das ciências e das técnicas.

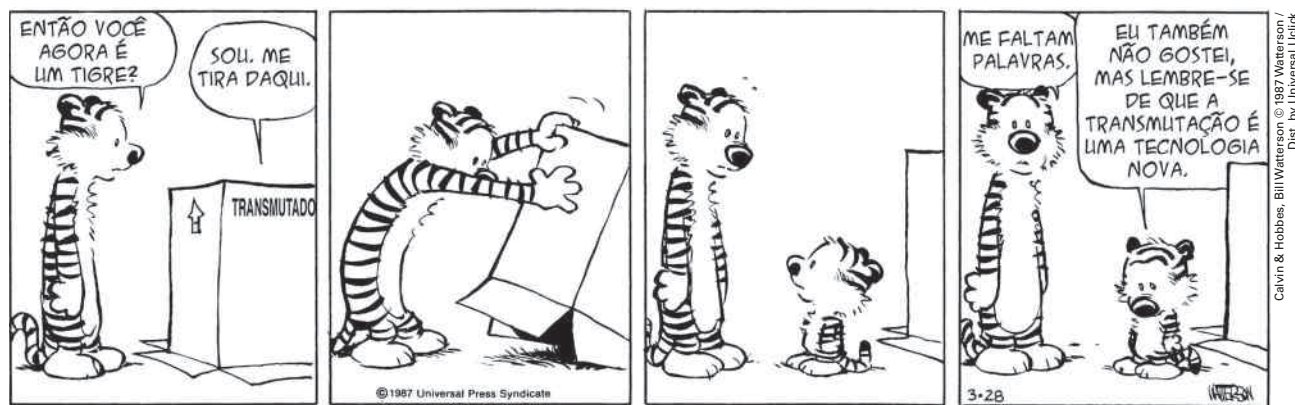
Reprodução/Biblioteca do Congresso, Washington, EUA.



Cenário da cidade japonesa de Hiroxima, devastada após a bomba lançada pelos Estados Unidos, em 1945. No século XX, a filosofia passou a desconfiar do otimismo científico-tecnológico.



## As ciências e as técnicas



Tirinha do personagem Calvin, do cartunista Bill Watterson.

No século XIX, a filosofia afirmava a confiança plena e total no saber científico e na tecnologia para dominar e controlar a natureza em favor da sociedade e dos indivíduos:

- ♦ a Física e a Química, por exemplo, dominando e controlando os processos naturais, aumentariam a capacidade da agricultura e da indústria, o que traria abundância e conforto para todos;
- ♦ uma nova ciência, a Sociologia, ofereceria um saber seguro e definitivo sobre o modo de funcionamento das sociedades. Isso permitiria aos seres humanos que organizassem racionalmente o social de modo a evitar revoluções, revoltas e desigualdades;
- ♦ outra nova ciência, a Psicologia, ensinaria definitivamente como é e como funciona a psique humana, quais as causas das emoções e dos comportamentos e os meios de controlá-los, de modo que seria possível livrar-nos das angústias, do medo, da loucura;
- ♦ seria possível também uma Pedagogia baseada nos conhecimentos científicos. Ela permitiria não só adaptar perfeitamente as crianças às exigências da sociedade, como também educá-las segundo suas vocações e potencialidades psicológicas.

No século XX, contudo, a filosofia passou a desconfiar do otimismo científico-tecnológico do século anterior em virtude de vários acontecimentos: as duas guerras mundiais, o bombardeio de Hiroxima e Nagasaki, o genocídio praticado nos campos de concentração nazistas, o totalitarismo stalinista, as guer-

ras da Coreia, do Vietnã, do Oriente Médio, do Afeganistão, as invasões russas da Hungria, da Polônia e da Tchecoslováquia, as ditaduras sangrentas da América Latina e da África, a devastação de mares, florestas e terras, a poluição do ar, os perigos do consumo de alimentos e remédios cancerígenos, o aumento de distúrbios e sofrimentos mentais, os problemas éticos e políticos surgidos com o desenvolvimento da neurociência e da engenharia genética, etc.

Além disso, as ciências e as técnicas foram incorporadas ao chamado *complexo industrial-militar* das grandes potências econômicas, que financiam as pesquisas e definem o que deve ser pesquisado e como serão utilizados os resultados. Esse complexo, com poder de vida e morte sobre o planeta, não está submetido a governos nem a associações públicas: ele opera secretamente, segundo seus próprios interesses, desencadeando guerras, ditaduras e violências em toda parte.

Diante desses fatos, um grupo de filósofos alemães, conhecido como Escola de Frankfurt, elaborou a chamada *Teoria Crítica*. Essa concepção distingue duas formas da razão: a razão instrumental e a razão crítica.

A **razão instrumental** é a razão técnico-científica, que faz das ciências e das técnicas um meio de intimidação, medo, terror e desespero. A **razão crítica**, ao contrário, analisa e interpreta os limites e os perigos do pensamento instrumental. Para a razão crítica, as mudanças sociais, políticas e culturais só se realizarão se tiverem como finalidade a emancipação dos humanos, e não as ideias de domínio técnico-científico sobre a natureza, a sociedade e a cultura.

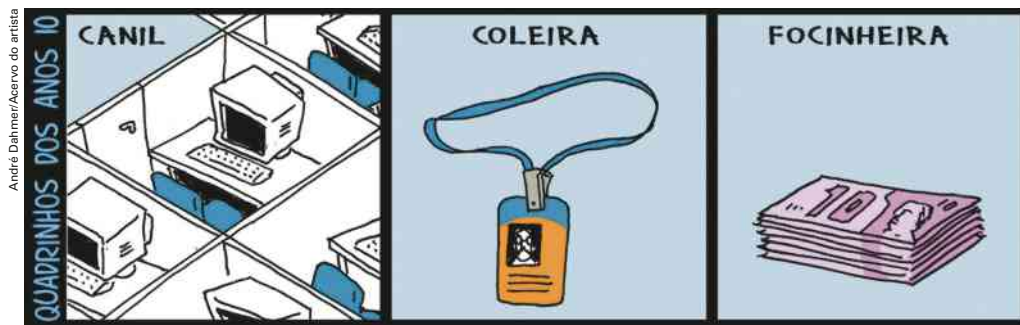
## Os ideais políticos revolucionários

No século XIX, em decorrência do otimismo trazido pelas ideias da razão e do progresso, a filosofia apostou em ideais políticos revolucionários como o anarquismo, o socialismo e o comunismo. Esses ideais criariam, graças à ação política consciente dos explorados e oprimidos, uma sociedade nova.

No entanto, o século XX viu a ascensão dos chamados regimes totalitários (fascismo, nazismo, stalinismo, maoísmo) e o fortalecimento das sociedades autoritárias ou ditatoriais (como as da América Latina, das Filipinas e da África). Então, a filosofia também passou a

desconfiar do otimismo revolucionário e das utopias e a indagar se os seres humanos, os explorados e dominados serão capazes de criar e manter uma sociedade nova, justa e feliz.

O século XX também viu o crescimento das chamadas burocracias, que dominam as organizações estatais, empresariais, político-partidárias, escolares, hospitalares. Isso levou a filosofia a indagar como os seres humanos poderiam derrubar esse imenso poderio que, secretamente, determina sua vida cotidiana desde o nascimento até a morte.



Tirinha do cartunista André Dahmer. A forma burocrática dominou diferentes tipos de organização dentro da sociedade.

## A cultura

No século XIX, a filosofia descobre a cultura como o modo próprio e específico da existência dos seres humanos. Os animais são seres naturais; os humanos, seres culturais. A natureza é governada por leis necessárias de causa e efeito; a cultura é a criação humana, o exercício da linguagem e da liberdade.

Por meio do trabalho, os humanos são capazes de transformar a natureza e usá-la para uma vida propriamente humana. Por meio da linguagem, são capazes de comunicar-se e sobretudo de dar permanência e continuidade às experiências humanas. A cultura é a formação coletiva de instituições (como a linguagem, o trabalho, a família, a sociedade, a ética e a política), ideias, símbolos, normas, regras e valores. Isso permite a uma sociedade definir para si mesma o bom e o mau, o belo e o feio, o justo e o injusto, o verdadeiro e o falso, o certo e o errado, o puro e o impuro, o possível e o impossível, o inevitável e o casual, o sagrado e o profano, o espaço (o próximo e o distante) e o tempo (o passado, o presente e o futuro), instituir as crenças e definir a relação com a morte.

A cultura se realiza porque os humanos são capazes de linguagem, trabalho e relação com o tempo. A cultura se manifesta como vida social, como criação das obras de pensamento e de arte, como vida religiosa, vida ética e vida política.



Celebração do Dia de Finados em Oaxaca, no México, em 2015. Cada cultura cria, a seu modo, sua linguagem, seus mitos e suas crenças, suas obras de pensamento e de arte.

Para a filosofia do século XIX, de acordo com sua ideia de progresso da humanidade, haveria uma única grande cultura em desenvolvimento, da qual as diferentes culturas seriam fases ou etapas.

Para outros, chamados filósofos românticos, as culturas não formavam uma sequência universal progressiva, mas eram culturas particulares, nacionais. Assim, cabia à filosofia desvendar o “espírito de um povo” conhecendo as origens e as raízes de cada cultura. Para esses filósofos, o mais importante de uma cultura não se encontraria em seu futuro (no seu progresso), mas no seu passado (nas tradições e no folclore nacional).

No entanto, no século XX, ao afirmar que a história é descontínua, a filosofia também afirma que não há “a cultura”, mas culturas diferentes. A filosofia contemporânea também rejeita a ideia romântica de que a pluralidade de culturas e as diferenças entre elas se devem à existência da nação, pois a própria ideia de nação é uma criação cultural (foi uma ideia proposta pelas culturas francesa e alemã do século XIX). Cada cultura inventa seu modo de relacionar-se com o espaço e o tempo, de criar sua linguagem, de elaborar seus mitos e suas crenças, de organizar o trabalho e as relações sociais e morais, de criar as obras de pensamento e de arte. Cada uma, em decorrência das condições históricas, geográficas e políticas em que se forma, tem seu modo próprio de organizar o poder e a autoridade, de produzir seus valores.

Em resumo, contra a filosofia da cultura universal, a filosofia do século XX negou que houvesse uma única cultura em progresso e afirmou a existência da pluralidade cultural. Contra a filosofia romântica das culturas nacionais como expressão do “espírito do povo”, a filosofia do século XX negou que a nacionalidade fosse causa das culturas (ao contrário: as nacionalidades são efeitos culturais temporários) e afirmou que cada cultura se relaciona com outras e encontra dentro de si seus modos de transformação.



Rogério Reis/Pulsar Imagens

Indígena do povo Yawalapiti filma cerimônia do Kuarup no Parque Nacional do Xingu, em Gaúcha do Norte (MT), 2012. Cada cultura se relaciona com outras e encontra dentro de si seus modos de transformação.

## O “fim da filosofia”

No século XIX, o otimismo científico e técnico levou a filosofia a supor que, no futuro, todos os conhecimentos e todas as explicações seriam dados pelas ciências. Assim, a própria filosofia (que nasceu como o conjunto de todos os saberes) não teria mais motivo para existir.

Entretanto, no século XX a filosofia passou a mostrar que as ciências não têm princípios totalmente certos, seguros e rigorosos para as investigações, que os resultados podem ser duvidosos e precários, e que, frequentemente, uma ciência desconhece até onde pode ir e quando está entrando no campo de investigação de outra.

Os princípios, os métodos, os conceitos e os resultados de uma ciência podem estar totalmente equivocados ou desprovidos de fundamento. Com isso, a filo-

sófia voltou a afirmar seu papel na compreensão e interpretação crítica das ciências ao discutir a validade de seus princípios, métodos ou procedimentos de pesquisa, resultados, formas de exposição dos dados e das conclusões, etc.

Foram preocupações com a falta de rigor das ciências que levaram o filósofo austríaco Edmund Husserl (1859-1938) a propor que a filosofia fosse o estudo e o conhecimento rigoroso da possibilidade do próprio conhecimento científico, examinando os fundamentos, os métodos e os resultados das ciências. Foram também preocupações como essas que levaram filósofos como Bertrand Russell (1872-1970) e Quine (1908-2000) a estudar a linguagem científica, a discutir os problemas lógicos das ciências e a mostrar os paradoxos e os limites do conhecimento científico.



## Os limites da razão

No século XIX, o otimismo filosófico levava a filosofia a afirmar que, enfim, os seres humanos haviam superado a superstição, as explicações mágicas e fantásticas da realidade, e alcançado a maioria racional. Acreditava também que a razão se desenvolvia plenamente para que o conhecimento completo da realidade e das ações humanas fosse atingido.

No entanto, já no final do século XIX, Marx (1818-1883) e Freud (1856-1939) colocaram em questão esse otimismo racionalista – Marx no campo da economia e da política; Freud, na investigação das perturbações e dos sofrimentos psíquicos. Que descobriram eles?

Marx descobriu que temos a ilusão de estar pensando com nossa própria cabeça e agindo por nossa própria vontade de maneira racional porque desconhecemos as condições econômicas e sociais nas quais a classe social dominante exerce seu poder sobre a mente de todos. Nesse contexto, a classe dominante faz com que suas ideias pareçam ser verdades universais, válidas para todos os membros da sociedade e para todas as classes sociais. Esse poder social invisível que nos leva a pensar como pensamos e agir como agimos foi chamado por ele de **ideologia**. Em coautoria com Friedrich Engels (1820-1895), Marx escreve:

*Ora, se na concepção do curso da história separarmos as ideias da classe dominante da própria classe dominante e as tornarmos autônomas, se permanecermos no plano da afirmação de que numa época*

*dominaram estas ou aquelas ideias, sem nos preocuparmos com as condições da produção nem com os produtores dessas ideias, [...] então poderemos dizer, por exemplo, que durante o tempo em que a aristocracia dominou dominaram os conceitos de honra, fidelidade, etc., enquanto durante o domínio da burguesia dominaram os conceitos de liberdade, igualdade, etc. A própria classe dominante geralmente imagina isso. [...] Realmente, toda nova classe que toma o lugar de outra que dominava anteriormente é obrigada, para atingir seus fins, a apresentar seu interesse como o interesse comum de todos os membros da sociedade, [...] a apresentar suas ideias como as únicas racionais, universalmente válidas.*

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 48.

Freud, por sua vez, mostrou que os seres humanos têm a ilusão de que tudo o que pensam, fazem, sentem e desejam estaria sob o pleno controle de suas consciências. Para ele, desconhecemos a existência de um poder – psíquico e social – que atua sobre nossa consciência sem que ela o saiba. A esse poder que domina e controla invisível e profundamente nossa vida consciente ele deu o nome de **inconsciente**.

Diante dessas duas descobertas, a filosofia se viu forçada a reabrir a discussão sobre o que é e o que pode a razão, sobre o que é e o que pode a consciência reflexiva ou o sujeito do conhecimento, sobre o que são e o que podem as aparências e as ilusões.

Itaci Batista/Agência Estado



Muro grafitado na cidade de São Paulo, em 2010. Com os conceitos de ideologia e inconsciente, Marx e Freud mostraram que há influências invisíveis sobre o pensamento e a vontade do indivíduo até então insuspeitadas pela filosofia.

## Algumas ilusões da razão

"Trabalhamos com empenho porque isso nos fará progredir profissionalmente e, no futuro, ter uma vida mais confortável."

Segundo Marx

Trabalhamos com empenho porque a classe dominante nos fez acreditar que foi desse modo que ela progrediu profissionalmente, quando, na realidade, quem mais se beneficia de nosso trabalho é a própria classe dominante.

"A razão nos permite avaliar as possibilidades em uma situação e tomar a decisão mais coerente de forma deliberada."

Segundo Freud

As memórias de experiências do passado (por exemplo, traumas) ficam retidas no inconsciente, que influencia nossas ações sem que percebamos.

Ao mesmo tempo, a filosofia teve de reabrir as discussões éticas e morais: "O ser humano é realmente livre ou é inteiramente condicionado pela sua situação psíquica e histórica?". "Se for inteiramente condicionado, então a história e a cultura são causalidades

necessárias como as da natureza?". Ou seria mais correto indagar: "Como os seres humanos conquistam a liberdade em meio a todos os condicionamentos psíquicos, históricos, econômicos, políticos e culturais em que vivem?"?

## Infinito e finito

O século XIX prosseguiu uma tradição filosófica para a qual o mais importante era a ideia do *infinito*, isto é, a natureza eterna (dos gregos), o Deus eterno (dos cristãos), o desenvolvimento pleno e total do tempo infinito (a história universal).

A filosofia do século XX, contudo, tendeu a dar maior importância ao finito, isto é, ao que é limitado no espaço e no tempo, que surge e desaparece, que tem fronteiras e limites. Esse interesse pelo finito apareceu, por exemplo, no **existencialismo**, corrente filosófica que definiu o humano como "um ser para a morte". Ou seja, o ser humano sabe que é finito, que acaba e que precisa encontrar em si mesmo (e não na natureza, em Deus ou na história universal) o sentido de sua existência.

Outro exemplo do interesse pela finitude apareceu no que se costuma chamar **filosofia da diferença**, isto é, naquela filosofia que se interessa por delimitar uma realidade levando em conta a singularidade e particularidade. Inspirando-se nos trabalhos dos antropólogos, essa filosofia buscou a diversidade, pluralidade, singularidade das diferentes culturas, em lugar de voltar-se para a ideia de uma cultura universal única.

Enfim, outro exemplo de interesse pela finitude apareceu quando a filosofia se voltou para a multiplicidade e a diferença entre as ciências. Em vez de buscar uma ciência universal que conteria dentro de si todas as ciências particulares, tentou descobrir os limites de cada uma delas e sobretudo seus impasses e problemas insolúveis.

## Nossos dias: a pós-modernidade

No fim dos anos 1970 surgiu a ideia de que a modernidade terminara e que se iniciava a pós-modernidade. A modernidade corresponderia à época da sociedade industrial, aquela em que o poder econômico e político pertence às grandes indústrias e em que se

explora o trabalho produtivo. Já a pós-modernidade corresponderia à sociedade pós-industrial, em que o poder econômico e político pertence ao capital financeiro e ao setor de serviços das redes eletrônicas de automação e informação.

## As ideias e os valores da modernidade

A modernidade era o conjunto de ideias e de valores que, com inúmeras variações e transformações, haviam norteadado a filosofia e as ciências desde o fim do século XVII até os anos 1970. Podemos resumir esse conjunto de ideias e valores em alguns aspectos.

### ◆ No campo do conhecimento:

1. Racionalismo: confiança no poder da razão (seja ela instrumental, seja crítica) para distinguir entre aparência e realidade e para conhecer e transformar esta. O racionalismo definira critérios para distinguir entre razão e loucura, ser (realidade) e parecer (aparência), conhecimento e ilusão, verdade e ideologia. Além disso, assegurava a validade do conhecimento filosófico e científico.

2. Distinção entre interior e exterior ou entre sujeito e objeto: confiança em critérios e procedimentos que permitiam distinguir entre o sujeito do conhecimento ou a consciência (o interior) e o objeto ou as coisas (o exterior) e garantiam que o primeiro tinha instrumentos teóricos para dominar intelectualmente o segundo. Assim, a subjetividade (o pensamento com seus princípios e leis universais e com seus procedimentos teóricos) tornava-se condição do conhecimento verdadeiro, ou seja, conhecimento objetivo.

3. Afirmação da capacidade da razão humana para conhecer a essência ou a estrutura interna de todos os seres: confiança na capacidade da razão para: a) definir as causas e as condições que determinam a identidade de cada coisa e sua realidade; b) demonstrar as relações necessárias que cada coisa mantém com outras de que depende ou que dela dependem; c) oferecer as leis necessárias de mudança ou alteração de todas as coisas.

### ◆ No campo da prática:

1. Diferenciação entre a ordem natural regida pela necessidade (as ditas leis da natureza) e a ordem humana da cultura (trabalho, linguagem, ética, política, artes, religião), pois nesta as regras e normas dependem da ação econômica, social e política dos próprios seres humanos. Ainda que a ordem social e política atue sobre os indivíduos como se tivesse o mesmo poder de imposição da necessidade existente na ordem natural, ela pode ser mudada e transformada pelos seres humanos, o que prova que a ordem social e política é uma instituição humana e histórica.



Reprodução/Biblioteca Nacional Francesa, Paris.

*Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, elaborada em 1789, logo após a Revolução Francesa. Fruto da modernidade, a declaração afirmava a possibilidade de transformar a ordem social e política e reconhecia o campo da cidadania.

2. Afirmação de que os seres humanos são indivíduos e agentes livres porque são seres racionais dotados de vontade. Portanto, são capazes de controlar e moderar suas paixões e seus desejos e de escolher por si mesmos as ações que praticam, sendo responsáveis por elas.

3. Distinção entre o público e o privado: estabelecimento de critérios que permitam distinguir entre a esfera pública ou política (ou o campo das instituições sociais e de poder) e a esfera privada da moral individual (a ética) e da economia de mercado (a propriedade privada dos meios de produção).

4. Afirmação dos ideais da Revolução Francesa – igualdade, liberdade e fraternidade –, reconhecimento de uma esfera de direitos civis – o campo da cidadania – e ampliação desses ideais pela afirmação de direitos sociais. Disso originaram-se os movimentos de luta pelos direitos sociais, contra o racismo, feminista e de liberação sexual.

5. Afirmação de um sentido progressivo da história ou de ideais revolucionários de emancipação do gênero humano. Isso envolve lutas sociais e políticas contra a opressão e a exploração econômica, social, política e cultural.



## A crítica pós-moderna

O pensamento pós-moderno critica essas ideias e as recusa:

1. Considera infundadas e ilusórias as pretensões da razão nos campos do conhecimento e da prática, quando não um disfarce para o exercício da dominação sobre as pessoas.

2. Julga que o conhecimento não se define por meio da distinção entre a verdade e a falsidade, e sim pelos critérios da utilidade e da eficácia: um conhecimento (filosófico, científico, artístico) é válido se for útil ou se for eficaz para a obtenção de fins desejados, sejam eles quais forem.

3. Considera infundada a distinção entre sujeito e objeto, pois tanto as filosofias como as ciências são construções subjetivas de seus objetos. Estes só existem como resultado das operações teóricas e técnicas criadas pelos próprios seres humanos. Em outras palavras, o conhecimento não visa a uma realidade existente em si mesma e observável, e sim à invenção ou construção de objetos teóricos e técnicos nos laboratórios.

4. Recusa tanto a ideia de história universal contínua quanto a de histórias particulares descontínuas porque valoriza o tempo como momento presente, sem relação com causas passadas ou expectativas futuras. Por isso elogia rebeliões rápidas e recusa a ideia de revolução como mudança total da sociedade e da política.

5. Não admite a distinção entre ordem natural necessária e ordem histórica ou cultural instituída pelos

seres humanos: ambas são invenções ou instituições humanas, contingentes, passageiras.

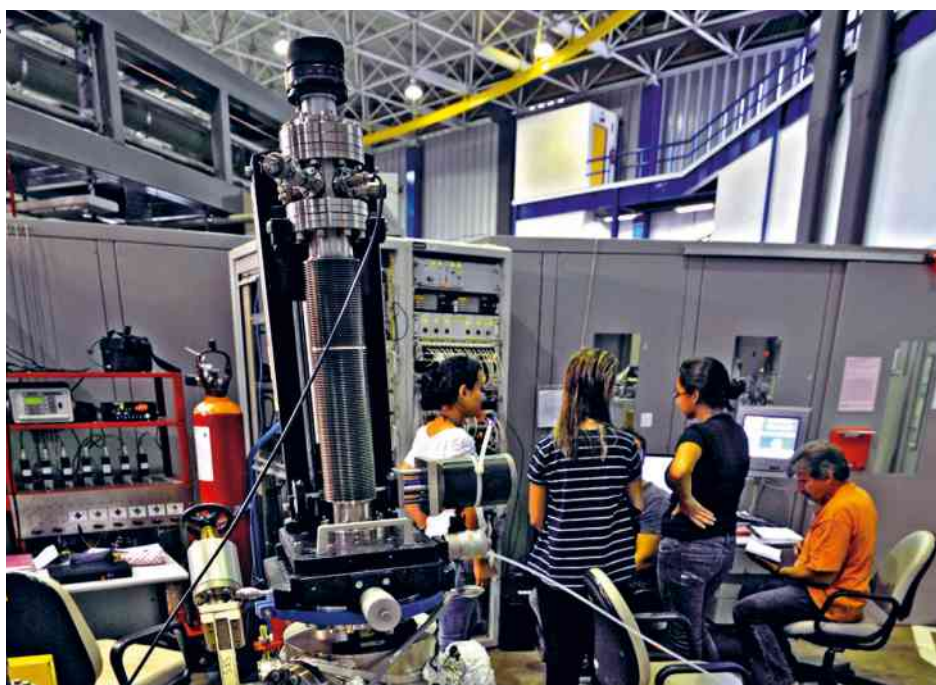
6. Não admite a definição do ser humano como animal racional dotado de vontade livre. Em vez disso, o concebe como um ser passional, desejante, que age movido por impulsos e instintos, embora, ao mesmo tempo, institua uma ordem social que reprime seus desejos e paixões.

A ética, portanto, não se define pela ação racional voluntária livre que busca a ação boa ou virtuosa, mas pela busca da satisfação dos desejos. Essa satisfação define a felicidade, que se realiza na esfera da intimidade individual, e não na participação da vida da coletividade.

7. Desvaloriza e critica a política: considera que a democracia gera cidadãos apáticos, que deixam tudo por conta de representantes eleitos; considera também que o socialismo e o comunismo desembocam em regimes e sociedades totalitários. Por isso, a pós-modernidade dá importância à esfera da intimidade individual e às relações pessoais.

8. Dá importância à ideia de diferença. Ou seja, não mais toma a sociedade como uma estrutura que opera pela divisão das classes sociais, cada qual com uma realidade e uma identidade definidas pela economia e pela política e contrárias umas às outras. Em lugar disso, concebe o social como uma teia de grupos que se diferenciam por etnia, gênero, religião, costumes, comportamentos, gostos e preferências.

Juca Martins/Olhar Imagem



Para o pensamento pós-moderno, a ciência não consiste no estudo de um objeto existente na realidade, e sim na construção desse objeto pelo pesquisador – por exemplo, em uma situação em laboratório. Na fotografia, pesquisadores utilizam acelerador de partículas do Laboratório Nacional de Luz Síncrotron, em Campinas (SP), 2012.

# Para além do pós-modernismo

As ideias pós-modernas poderiam levar a duas suposições: a de que não há motivos para valorizar a razão e a de que a filosofia já não tem por que existir.

Essas duas suposições constituem o que o pensador Boaventura de Sousa Santos (1940) denomina *razão indolente*: uma razão preguiçosa, que se contenta em transformar os impasses da modernidade em desculpa para aceitar o mundo tal como aparece, sem perguntar se essa aparência é a realidade verdadeira.

Uma filosofia que aposta no trabalho do pensamento realiza o movimento inverso: dirige-se ao mundo natural e cultural para, novamente, indagar por que ele aparece fragmentado, passageiro, inconsistente. Sobretudo, a filosofia questiona se essa aparência não esconde formas de dominação e de servidão que precisamos compreender, avaliar, criticar e lutar para ultrapassar.

Três exemplos contra a razão indolente podem ajudar-nos a perceber a importância do trabalho do pensamento.

**1. Crítica da cultura do narcisismo.** Um mito grego narra que, ao ver sua própria imagem pela primeira vez, refletida nas águas de um lago, Narciso julgou tratar-se de outra pessoa. Perdidamente apaixonado por essa imagem, o jovem lança-se no lago atrás dela e morre afogado. Alguns filósofos contemporâneos tomam esse mito para explicar como os meios de comunicação e a propaganda inventam imagens de seres humanos belos, jovens, saudáveis, bem-sucedidos com as quais devemos nos identificar se quisermos aprovação social. Dessa maneira, aquilo que alguns pós-modernistas en-

tendiam como elogio do desejo contra as limitações trazidas pela razão significa que, na verdade, deixamos de conhecer a nós mesmos e ao mundo que nos rodeia; como novos Narcisos, desejamos imagens inventadas, que passam a dominar nossa vida.

## 2. Crítica da sociedade da vigilância e do controle.

Alguns filósofos contemporâneos têm estudado as maneiras invisíveis pelas quais as sociedades contemporâneas vigiam e controlam seus cidadãos. Os meios para isso vão desde a carteira de identidade até as formas de controle populacional por meio de vírus e bactérias mortíferos; desde as câmeras que vigiam ruas e edifícios até satélites que vigiam o que se passa em todo o planeta; desde a invenção de doenças pela indústria farmacêutica até a transformação genética de seres humanos. O elogio pós-moderno das rebeliões passageiras não leva em conta que, por meio delas, os dominantes controlam até que ponto os cidadãos podem manifestar descontentamentos, impedindo-os de atingir o núcleo do poder que os controla.

**3. Crítica das novas divisões sociais.** Ao analisar a chamada globalização, alguns filósofos contemporâneos mostram que, sob a aparência de uma unificação econômica do planeta inteiro, ocorre realmente uma fragmentação das sociedades. Esta divisão em sociedades de máxima riqueza e de máxima pobreza se repete no interior de cada uma delas, na forma de divisão entre bolsões de riqueza e bolsões de miséria. Assim, o elogio das diferenças feito pelos pós-modernos ignora ou mascara, na realidade, a presença de imensas desigualdades, exploração e dominação.



Funcionários monitoram imagens do fluxo de veículos em centro de operações de uma empresa concessionária de rodovias, localizado em Jundiaí (SP). Foto de 2015. A filosofia atual estuda as formas de controle das sociedades contemporâneas.





## Por que pensar?

A primeira coisa que me intriga nessa pergunta é que ela parece estranha. Por que pensar? Afinal os cientistas sociais dos últimos dez anos têm vindo a dizer que nós estamos num período de autorreflexividade, em que indivíduos autônomos refletem sobre os processos de transformação em que participam e usam essa reflexão para intervir nesses processos. O indivíduo autorreflexivo é um indivíduo que não se mobiliza sem razões, a sua própria vida é um objeto de meditação, de reflexão, de autoanálise, de reversão de percursos, etc.

Se nós estamos numa fase da autorreflexividade, todos pensamos, e, se todos pensamos, por que fazer essa pergunta? A verdade é que, em minha opinião, nós não estamos numa fase da autorreflexividade. [...] penso sim que estamos numa época em que a autorreflexividade é própria daqueles que têm o privilégio de a atribuir aos outros. Ela não é, de modo nenhum, generalizada, e não é generalizada exatamente porque estamos num processo de transição, um processo de grande criação e de grande destruição. [...] E nesse processo, penso eu, a vertigem das transformações faz com que a sociedade se divida em dois grupos que vivem em condições nada propícias a pensar. Por um lado, aqueles que comandam esse processo de criação e de destruição, aqueles que estão por detrás da globalização hegemônica de que hoje tanto se fala, aqueles que comandam todo esse processo, não têm tempo para pensar. [...] fazer-lhe[s] uma pergunta desse tipo é extremamente perturbador, porque obviamente o automatismo da sua ação não exige, não permite de maneira nenhuma esse pensamento. [...] Por outro lado, aqueles que sofrem este processo de criação, a esmagadora maioria da população mundial, que neste momento sofre a exclusão, a desigualdade, a polarização entre ricos e pobres, tampouco pode pensar, porque está tão ocupada em sobreviver que não tem, realmente, capacidade, nem tem disposição para pensar. [...]

SANTOS, Boaventura de Sousa. Seis razões para pensar. *Lua Nova*, n. 54, 2001. Disponível em: <[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64452001000300003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452001000300003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 30 maio 2016.

- Relacione trechos do texto acima com argumentos contra a razão indolente.

## Temas, disciplinas e campos filosóficos

Durante os 26 séculos de existência da filosofia, temas, disciplinas e campos de investigação filosóficos surgiram, enquanto outros desapareceram. Desapareceu também a ideia de que a filosofia seria a totalidade dos conhecimentos teóricos e práticos da humanidade.

Também desapareceu a imagem da filosofia como uma grande árvore frondosa: suas raízes eram a metafísica e a teologia; o tronco era a lógica; os ramos principais eram a filosofia da natureza (física, química, biologia), a ética e a política; e os galhos extremos eram as técnicas, as artes e as invenções. A filosofia, vista como uma totalidade orgânica ou viva, era chamada “rainha das ciências”.

Pouco a pouco, as várias ciências particulares foram definindo seus objetivos, seus métodos e seus resultados próprios. Definindo-se como teoria de um setor da realidade, cada ciência se desligou da grande árvore, levando consigo os conhecimentos práticos ou aplicados (isto é, as técnicas) de seu campo de investigação.

As últimas ciências a se desligarem da árvore da filosofia foram as ciências humanas (Psicologia, Sociologia, Antropologia, História, Linguística, Geografia, etc.).

Outros campos de conhecimento e de ação abriram-se para a filosofia, mas a ideia de uma totalidade que conteria em si todos os conhecimentos nunca mais reapareceu.

Desde o século XX, a filosofia passou por uma grande limitação quanto à esfera de seus conhecimentos. Isso pode ser atribuído a dois motivos principais.

1. Desde o fim do século XVIII, com o filósofo Immanuel Kant (1724-1804), passou-se a considerar que a filosofia até então tivera uma pretensão irrealizável. Que pretensão fora essa? A de que nossa razão pode conhecer as coisas tais como são em si mesmas. Esse conhecimento da realidade em si chama-se **metafísica**.

Kant negou que a razão humana tivesse tal capacidade. Para ele, conhecemos as coisas tais como são organizadas pela estrutura interna e universal de nossa razão, mas nunca saberemos se isso corresponde ou não à organização da própria realidade. Ou seja, nosso entendimento organiza as coisas considerando-as espaciais e temporais, mas não sabemos se elas de fato o são; também as organiza por relações de causalidade, mas nunca saberemos se em si mesmas elas obedecem à relação de causa e efeito, etc. A metafísica como conhecimento da realidade em si é impossível. Portanto, ela deve tornar-se, modestamente, o conhecimento das condições humanas de uso da inteligência e da razão.

Deixando de ser metafísica, a filosofia tornou-se: a) uma **teoria do conhecimento**, ou uma teoria sobre a capacidade e a possibilidade humana de conhecer; b) uma ética, ou estudo das condições de possibilidade da ação moral, realizada por liberdade e por dever. Com isso, a filosofia deixava de ser conhecimento do mundo em si e tornava-se apenas conhecimento das condições em que o ser humano conhece e age.

2. Desde meados do século XIX, como consequência do **positivismo** de Augusto Comte, a filosofia foi

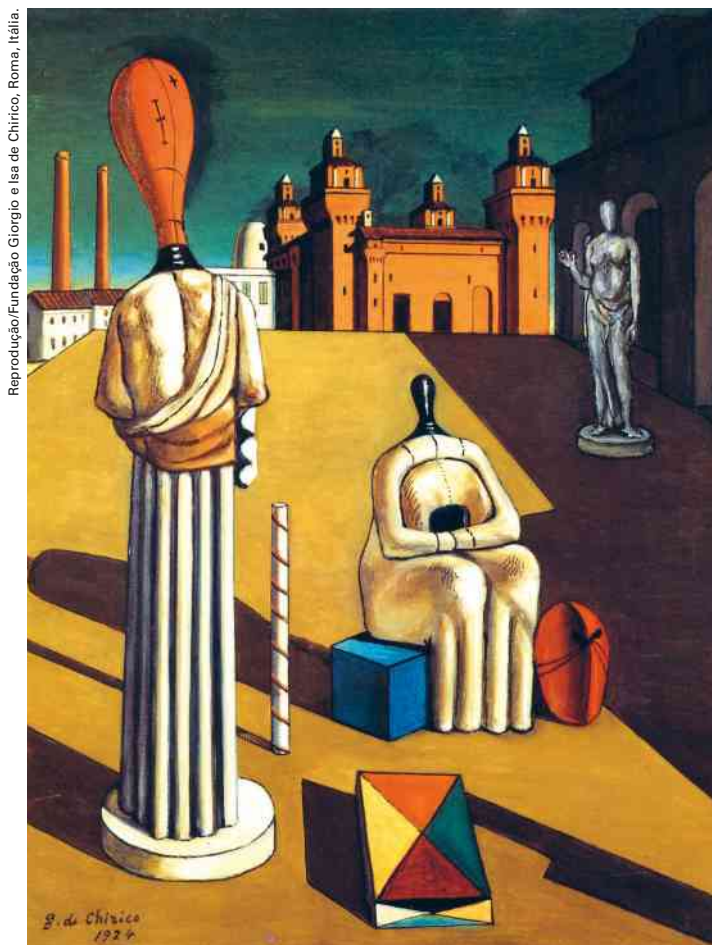
separada das ciências chamadas positivas, consideradas portadoras de verdadeiro conhecimento (Matemática, Física, Química, Biologia, Astronomia, Sociologia, Psicologia). As ciências, diziam os positivistas, estudam a realidade natural, social, psicológica e moral, e são propriamente o conhecimento. Para eles, a filosofia seria apenas uma *reflexão* sobre o significado do trabalho científico. A filosofia tornou-se, assim, uma teoria das ciências ou **epistemologia**, pois, como vimos, a palavra grega *episteme* significa 'ciência'.

Em decorrência da filosofia de Kant e do positivismo, os filósofos do início do século XX se voltaram primordialmente para a figura do sujeito do conhecimento e se interessaram principalmente pelo conhecimento das estruturas e formas da consciência e também pelo seu modo de expressão, isto é, a linguagem. O interesse pela *consciência reflexiva* ou pelo *sujeito do conhecimento* originou uma corrente filosófica conhecida como **fenomenologia**, iniciada por Edmund Husserl. Já o interesse pelas formas e modos de funcionamento da linguagem corresponde a uma corrente filosófica conhecida como **filosofia analítica**, cujo início é atribuído ao austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951) e a um grupo de lógicos denominado Círculo de Viena.

A atividade filosófica, porém, não se restringiu à teoria do conhecimento, à lógica, à epistemologia, à ética e à política. Desde o início do século XX, a história da filosofia tornou-se uma disciplina de grande prestígio e, com ela, a história das ideias e a história das ciências.

Diversos acontecimentos ocorridos desde a Segunda Guerra Mundial fizeram ressurgir o interesse pela filosofia política: o fenômeno do totalitarismo, as guerras de libertação de povos contra os impérios coloniais, as revoluções socialistas em vários países e as lutas, desde os anos 1960, contra ditaduras e pelos direitos de negros, indígenas, mulheres, idosos, homossexuais, transexuais, crianças e outros excluídos econômica e politicamente. Com isso, ressurgiram também as críticas de ideologias e as discussões sobre as relações entre a ética e a política.

*Musas inquietantes* (1924), óleo sobre tela do pintor italiano Giorgio de Chirico (1888-1978). A pintura metafísica de De Chirico realça a nostalgia do antigo e o enigma dos sonhos.



Reprodução/Fundação Giorgio e Isa de Chirico, Roma, Itália.



Finalmente, desde o fim do século XX, o pós-modernismo vem ganhando preponderância. Seu alvo principal, como vimos, é a crítica de todos os conceitos e valores que, até hoje, sustentaram a filosofia e o pensamento dito ocidental: razão, saber, sujeito, objeto, história, espaço, tempo, liberdade, necessidade, acaso, natureza, homem, entre outros.

Em reação a isso, filósofos contemporâneos criticam a indolência presente em aspectos do pensamento pós-moderno, recolocando a capacidade crítica da razão tanto para avaliar as ciências e as técnicas quanto para compreender a realidade social, política e artística em que vivemos.

## Conexões



Esta atividade trabalha com conteúdos de Filosofia, História, Geografia e Sociologia.

Muitas pessoas da sua geração talvez não tenham ideia disso, mas a existência virtual que hoje faz parte do dia a dia de grande parte dos jovens (*e-mails*, redes sociais, *blogs*, *fotoblogs*, aplicativos de telefones celulares) é recente na sociedade.

O filósofo Adam Schaff (1913-2006) se refere à “revolução da microeletrônica”, notando que já não nos damos conta de que estamos rodeados por ela, desde os pequenos objetos de uso cotidiano, como o relógio de quartzo, a calculadora de bolso, o telefone celular, o *tablet*, etc. Schaff assinala a diferença entre os antigos objetos técnicos – que ampliavam a força física humana – e os novos objetos tecnológicos – que ampliam as forças intelectuais humanas, isto é, as capacidades do pensamento, pois dependem de informações e operam ou fornecem informações (os primeiros computadores foram chamados de “cérebros eletrônicos”). De fato, com os satélites e a informática, é nosso cérebro ou o nosso sistema nervoso central que se expande sem limites, diminuindo distâncias espaciais e intervalos temporais até abolir o espaço e o tempo. O mundo está *on-line* durante 24 horas, sem obstáculos de distâncias e diferenças geográficas, sociais e políticas, nem de distinção entre o dia e a noite, ontem, hoje e amanhã.

Analisando o mundo virtual, o geógrafo David Harvey (1935) aponta uma transformação sem precedentes em nossa experiência do espaço e do tempo, designada por ele como “compressão espaçotemporal”, causada pelas novas tecnologias. Compressão do espaço: tudo se passa *aqui*, sem distâncias, diferenças nem fronteiras. Compressão do tempo: tudo se passa *agora*, sem passado e sem futuro, sem continuidade nem história. Disso o melhor exemplo são as redes sociais.

- O que essa existência virtual tem a ver com o pensamento pós-moderno? Releia as críticas da filosofia pós-moderna às ideias da modernidade e elabore um texto com aspectos que demonstrem ou rejeitem essa relação. Procure compreender como funcionavam, em outras épocas, os processos de sociabilidade, de trabalho, os estudos e pesquisas escolares, entre outras atividades.



Fabio Pozzebom/Abri/Radiobrás

Videoconferência realizada pelo Departamento de Recuperação de Ativos e Cooperação Jurídica Internacional do Ministério da Justiça, em Brasília, na qual um piloto estadunidense depôs sobre um acidente aéreo ocorrido no Brasil, em 2006. A tecnologia permite a compressão do espaço e do tempo. Foto de 2011.

## Em síntese

1. O pensamento de filósofos como Hegel e Comte originou uma concepção otimista da história.  
a) Qual é a principal ideia relacionada a essa concepção?  
b) Por que ela foi refutada por filósofos do século XX?
2. O desenvolvimento das ciências e das técnicas no século XIX causou otimismo na maioria dos filósofos da época. Esse otimismo se manteve ou não nos séculos XX e XXI? Por quê?
3. Explique a distinção feita pela Teoria Crítica entre razão instrumental e razão crítica.
4. Por que os filósofos contemporâneos se tornaram descrentes com relação a revoluções sociais e políticas?
5. Os filósofos do século XIX se dividiram em duas correntes ao definir a cultura. Como a filosofia do século XX se contrapôs a cada uma dessas concepções?
6. De acordo com o texto, por que as descobertas da ideologia, por Marx, e do inconsciente, por Freud, questionaram o otimismo racionalista?
7. Após a crítica de Kant à metafísica, a que se dedicou a filosofia?
8. Quais foram as duas principais correntes filosóficas criadas no século XX após a crise da metafísica? O que propuseram como temas da filosofia?
9. Quais são as principais ideias dos filósofos pós-modernos?
10. Como a filosofia contemporânea reage à posição do pós-modernismo? O que é a crítica da razão indolente?
11. Identifique, na linha do tempo, os principais temas abordados pelos filósofos dos últimos sessenta anos e relacione dois deles a eventos ou comportamentos da atualidade.
12. Interprete as duas tirinhas reproduzidas neste capítulo, relacionando-as a ideias e críticas expostas no texto.

## Indicações

### *Nós que aqui estamos por vós esperamos*

- ◆ Direção de Marcelo Masagão. Brasil, 1998.

Documentário sobre o século XX feito de fragmentos biográficos de personagens que viveram nesse período. O filme põe em discussão o caráter banal que a vida e a morte adquiriram no século passado.

Cena do filme *Nós que aqui estamos por vós esperamos*, de Marcelo Masagão.



Reprodução do filme

### *Admirável mundo novo*

- ◆ Escrito por Aldous Huxley. Biblioteca Azul, 2014.

Este romance, escrito em 1932, se passa em uma sociedade totalmente organizada com base em procedimentos científicos e em um planejamento racional. Sob o pretexto de garantir a felicidade, o que na realidade ocorre é a formação de uma sociedade de pessoas que não questionam, na qual não há espaço para a liberdade.

### *Arte e matemática - Do zero ao infinito*

- ◆ Disponível em: <<http://tvescola.mec.gov.br/tve/video/arte-e-matematica-do-zero-ao-infinito>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

Este episódio introdutório do programa *Arte e matemática* mostra não só as relações entre essas duas disciplinas, mas também como a busca pelo conhecimento racional colocada pela filosofia está intimamente ligada a elas.

A obra *De onde viemos? Que somos? Para onde vamos?*, pintada por Paul Gauguin em 1897, representa o ciclo da vida.



Acervo Museu de Belas Artes, Boston, MA, EUA/Reprodução